
O ÚLTIMO ENSINAMENTO DE SÓCRATES FACE AO DEBATE
SOCRÁTICO-SOFISTA

THE LAST TEACHING OF SOCRATES FACING THE SOCRATIC-
SOPHIST DEBATE

Marden Moura Lopes¹

Karen Sabrina Freitas de Andrade²

RESUMO

Toma-se aqui a obra *Apologia de Sócrates*, de Platão, como base do desenvolvimento do presente artigo, que tem por objetivo apresentar o contexto em que ocorreu o debate socrático-sofista. Isso se desenvolve demonstrando os argumentos socráticos contra o Relativismo que os sofistas adotavam em seus discursos e pensamentos, indo totalmente de encontro à filosofia de Sócrates. Ou seja, expõe a contradição entre ambos: de um lado, tem-se a verdade defendida ferrenhamente através dos ensinamentos de Sócrates e, de outro, a relativização da mesma por parte dos mestres da retórica.

Palavras-chave: Relativismo. Verdade. Argumento.

ABSTRACT

Plato's work *Apologia de Sócrates* is taken here as the basis for the development of this article, which aims to present the context in which the Socratic-Sophist debate took place. This is developed by demonstrating the Socratic arguments against Relativism that the Sophists adopted in their speeches and thoughts, going completely against Socrates' philosophy. In other words, it exposes the contradiction between both: on one hand, the truth has been fiercely defended through the teachings of Socrates and, on the other, the relativization of it by the masters of rhetoric.

Keywords: Relativism. Truth. Argument.

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e do Colégio Christus. E-mail: mardenmoura@hotmail.com.

² Graduanda em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: karenls1415@gmail.com.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a *Apologia de Sócrates*, escrita por Platão, observando todo o contexto histórico que acarretou na condenação do ilustre filósofo à morte, além de compreender os ensinamentos que ele deixou à humanidade antes de morrer. Isso se dará em dois tópicos essenciais, sendo um desses subdividido em três.

Apresentar-se-á um texto que procura englobar noções fundamentais, tendo por finalidade introduzir o leitor no contexto e nas características relacionadas à época em que Sócrates viveu e atuou; pretende-se, também, demonstrar como o debate socrático-sofista se concretizou e se estendeu dentro da tradição filosófica. Além disso, abrange os conceitos referentes aos sofistas, pensadores essenciais para a compreensão da vida e filosofia de Sócrates, além de fatos sobre os hábitos do próprio filósofo.

No tópico “O último argumento de Sócrates”, realizou-se uma subdivisão com o objetivo de situar o debate acerca das acusações que foram feitas contra Sócrates, explicando os motivos que as levaram à existência e expondo quem são os acusadores. Demonstrar-se-á como se efetivou a contra-argumentação que Sócrates desenvolveu para elaborar a própria defesa perante os cidadãos de Atenas, na Ágora, e que apesar de ter sido sincero e bastante sucinto, os votos a favor de sua condenação venceram suas palavras. Por fim, discorre-se acerca do ensinamento que o filósofo deixa antes de cumprir sua pena capital.

1 Prolegômenos ao debate socrático-sofista

Nessa parte de nossa reflexão, apresentaremos uma pequena introdução acerca do debate socrático-sofista. Esses prolegômenos procuram situar o leitor acerca do que está verdadeiramente em jogo nesse confronto argumentativo tão caro à filosofia clássica.

A corrente sofista é frequentemente definida como relativa. No entanto, é mister afirmar que os filósofos sofistas não se enquadram numa corrente homogênea (Cf. ROMEYER-DHERBEY, 1986). Geralmente o relativismo é definido como uma

corrente epistemológica da Filosofia que defende a incognoscibilidade da verdade e a relatividade da mesma.

Destarte, não é possível alcançar uma verdade única e absoluta, pois ela se manifesta como dependente de um ponto de vista; porém, cada ser humano traz consigo fatores subjetivos, inerentes aos processos cognitivos, que fazem surgir conclusões diversas. Os sofistas foram, talvez, os primeiros filósofos que aderiram a isso e defendiam o que hoje chamamos de relativismo.

No que concerne ao pensamento sofista, o texto que mais faz refletir sobre a questão exposta é o famoso fragmento de Protágoras, segundo o qual as propriedades positivas e negativas das coisas são medidas pelo homem, isto é, dependem da percepção e da opinião que delas tem o homem. Segundo Protágoras “o homem é a medida de todas as coisas: das que são, pelo que são; das que não são, pelo que não são” (2005, B1).

Em nível de exemplificação, podemos observar a ideia do sofista Protágoras no seguinte experimento de pensamento: se um alpinista vê uma montanha de grande altura, para ele a montanha representará uma longa escalada; e se um artista observar a mesma montanha, enxergará uma bela paisagem e a transformará em arte. O alpinista e o artista têm uma visão do que a montanha é e, apesar de serem concepções distintas, não se excluem. Portanto, a forma pela qual a paisagem é interpretada depende do ponto de vista de quem a observa: é relativo.

Basicamente, esses pensadores eram mestres da retórica e, através da sua eloquência bem articulada, convenciam quem quer que fosse sobre uma verdade consensual³. Para cada discurso proferido havia um valor determinado a ser remunerado pelo contratante ao orador. Os mestres da retórica defendiam seus clientes perante alguma acusação ou colaboravam para que certa ideia fosse aceita nos debates, em detrimento de outras.

³ O movimento sofista nasceu de modo inseparável da pedagogia e do Direito. Até Péricles assumir o poder ninguém podia ser defendido por outrem nos “tribunais gregos”, um Júri chamado *Eliea*, formado por homens do povo. O primeiro a se aproveitar de tais oportunidades foi Antifonte Ateniense, que “ajudava” os camponeses envolvidos em problemas judiciais. Antifonte resolveu escrever livros para ajudar a qualquer um que tivesse de enfrentar a justiça, sua fama era tão grande na Grécia que ficou conhecido como cozinheiro de discursos. Como a maioria dos atenienses não sabia ler, ele os ensinava a memorizar os eficazes discursos. Em pouco tempo a função social dele e de outros de sua espécie se tornou imprescindível que foram legalmente reconhecidos pelos tribunais, fazendo-os assim exercer sua arte retórica – a qual era remunerada – frente ao Júri, fora-lhes atribuído o predicado de *Sofistas*, sujeitos acostumados a falar em público. (Cf. UNTERSTEINER, 1996. p. 45).

Além de seus discursos serem remunerados, os sofistas geralmente proporcionavam aulas, também remuneradas, sobre o que e como faziam, para que seus discípulos aprendessem como possuir uma boa retórica – seja com a finalidade de ter boas discussões políticas na Ágora ou para também tornarem-se professores da mesma arte – e assim deu-se o crescimento dessa corrente filosófica.

Os sofistas circulavam por várias cidades e atuavam em muitas delas, apesar de ter sido Atenas o ponto-chave para o curso da História de toda Filosofia Ocidental que se tem conhecimento. E, mesmo que as críticas e polêmicas em que estão envolvidos não sejam poucas, esses pensadores deixaram diversas contribuições para os atuais hábitos da humanidade, principalmente no que tange ao Direito e à Educação.

Por outro lado, nascido em Atenas, filho de uma parteira e de um escultor de pedras, Sócrates chamava atenção por seus hábitos polêmicos. Ele vivia andando pelas ruas atenienses, conversando com todos, especialmente com seus discípulos. E, ao contrário dos sofistas, acreditava na existência de verdades universais, válidas para toda a humanidade, independentemente das vicissitudes do espírito humano.

Muito embora existam outras referências a Sócrates, a figura do filósofo é conhecida especialmente por meio das obras de Platão, um de seus maiores discípulos. Nestas, as ideias socráticas se apresentam em forma de diálogos narrados por ele, uma vez que seu mestre não deixou obras escritas. Seus ensinamentos eram transmitidos oralmente, sem ter um ponto fixo para que isso se desse: muitas vezes Sócrates e seus discípulos conversavam em vários lugares, às vezes até andando pelas ruas.

A Filosofia de Sócrates se baseava na busca pela verdade por meio do autoconhecimento. Nesse sentido, Sócrates foi um pilar essencial para que as perguntas fossem redirecionadas, pois antes de se querer saber “o que é isso?”, faz-se necessário saber “o que sou?”.

A maneira pela qual o filósofo chegou a essas teses é relatada em certa passagem (PLATÃO, 1972, p. 15), quando o filósofo, ao se referir às calúnias de que foi vítima, lembra de sua ida ao templo de Apolo, em Delfos, para consultar o oráculo sobre assuntos religiosos, políticos e de natureza pessoal. Lá, além de ver uma escritura na entrada do templo que o deixou inquieto (*conhece-te a ti mesmo*), viu seu

amigo Querofonte consultando a Pítia, indagando se havia alguém mais sábio que seu amigo e mestre Sócrates, ouvindo uma resposta negativa da sacerdotisa. Surpreendido com a resposta, Sócrates resolveu indagar por si mesmo a respeito de sua suposta sabedoria. O mestre de Platão vai, então, consultar aqueles que se diziam sábios. Eis a sequência exata de suas conclusões:

Fui ter com um dos que passam por sábios, porquanto, se havia lugar, era ali que, para rebater o oráculo, mostraria ao deus: 'Eis aqui um mais sábio que eu, quanto tu disseste que eu o era!'. Submeti a exame essa pessoa – é escusado dizer seu nome: era um dos políticos. Eis, atenienses, a impressão que me ficou do exame e da conversa que tive com ele; achei que ele passava por sábio aos olhos de muita gente, principalmente aos seus próprios, mas não o era. Meti-me, então, a explicar-lhe que supunha ser sábio, mas não o era. A consequência foi tornar-me odiado dele e de muitos dos circunstantes. Ao retirar-me, ia concluindo de mim para comigo: 'Mais sábio do que este homem eu sou; é bem provável que nenhum de nós saiba nada de bom, mas ele supõe saber uma coisa que não sabe, enquanto eu, se não sei, tampouco suponho saber. Parece que sou um nadinha mais sábio que ele exatamente em não supor que sabia o que não sei'. Daí fui ter com outro, um dos que passam por ainda mais sábios e tive a mesmíssima impressão; também ali me tornei odiado dele e de muitos outros (PLATÃO, 1972, p. 15).

Sócrates percebeu que o conhecimento que possuía de si era apenas que ele não sabia nada sobre ele mesmo, a não ser que era ignorante. Refletindo sobre isso, o pensador chegou à conclusão de que ele poderia até não saber nada sobre si, mas pelo menos ele sabia que não sabia. Ou seja, ele tinha conhecimento da própria ignorância. E a isso batizou-se *egoneia*, do grego Εἰρωνεία, que em algumas traduções se define por "ironia". Porém, não deve ser entendido num sentido de sarcasmo.

Sócrates chegou à sentença de que não é possível conhecer algo caso não se saiba que é ignorante em relação a este algo. Para ficar mais compreensível: só é possível ser livre, se primeiramente reconhecer-se preso. O "conhecer a prisão" se manifesta aqui como uma etapa inicial para alcançar a verdade. Ou seja, o início da Filosofia é ter conhecimento da própria ignorância e, só a partir disso, desejar saber algo e buscar esse saber dentro de si mesmo.

Sócrates se utiliza de um meio dialógico para conduzir o homem para dentro de si – daí o *conhece-te a ti mesmo* – e, por meio da ironia, o faz enxergar que nada sabe e, assim, o querer saber é extraído deste homem, desembocando, por fim, no conhecimento.

É importante ressaltar que o método socrático, por ser dialógico, pode ser entendido como dialético, porque é realizado numa dimensão de oratória/argumentativa, totalmente diferente da retórica sofística, que é a arte de convencer. Sócrates apenas diz aquilo que já traz consigo, não tenta persuadir ninguém (Cf. BERTI, 2010, p. 158). E as perguntas que faz são essenciais como prova disso, uma vez que o filósofo, ao invés de dar respostas, perguntava para o próprio ouvinte a respeito das coisas. Assim, ao perceber que eram incapazes de responder os questionamentos pertinentes de Sócrates, os seus interlocutores compreendiam que nada sabiam e, assim, buscavam o saber.

A Filosofia de Sócrates, solidificada nesses dois pilares (ironia e maiêutica) vai totalmente de encontro à filosofia dos sofistas: é notório e inevitável o conflito entre essas formas de filosofar. As críticas que ambas fazem uma à outra são muito elaboradas e podem ser lidas em praticamente todas as obras de Platão. Para centralizar mais a especificidade de nossas análises, decidimos nos concentrar em como esse embate aparece na *Apologia de Sócrates*.

2 Último argumento de Sócrates

2.1 Acusadores e acusações

A relação entre a Filosofia Socrática e o pensamento sofista é conflituosa. Por isso, foi inevitável que, além de apenas intrigas, Sócrates tenha sido, no fim desse embate, acusado e julgado na Ágora perante os cidadãos – homens livres e eupátridas, uma vez que nessa categoria não se incluíam mulheres e escravos –, sendo condenado à morte após a discussão.

Os principais acusadores foram Anito, Lícon e, sobretudo, Meleto. As acusações giravam em torno do hábito de questionar de Sócrates. Dizia-se que “Sócrates comete crime corrompendo os jovens e não considerando como deuses os deuses que a cidade considera, porém outras divindades novas” (PLATÃO, 1972, p. 8).

Isso porque o filósofo, com seu método de chegar ao conhecimento por meio da *egoneia*, incentivava seus discípulos ao questionamento de si mesmos e do que

sabiam e se, de fato, sabiam mesmo. Porém, esse incentivo do filósofo desencadeou má interpretações por parte de alguns sofistas e outros poderosos à época. Por mais que não fosse a intenção de Sócrates confrontar ninguém, alguns deles acabavam se sentindo de tal forma porque, ao contrário deles, Sócrates nada cobrava por seus ensinamentos e possuía muitos discípulos, inclusive de famílias abastadas como a de Platão. Essa prática se mostrava antagônica às sofísticas.

Por meio de questionamentos, as coisas haviam de ser esclarecidas e postas à prova para que houvesse respostas sobre elas: inclusive as ideias que eram apresentadas e defendidas na Ágora passavam por uma análise minuciosa acerca do modo pelo qual eram estabelecidas, fundamentadas ou, numa palavra, estruturadas.

Esse fato desencadeava inúmeros debates e permitia que muitas contradições aparecessem, muitas delas vindas do relativismo dos sofistas, tão criticado por Sócrates. Afinal, como era possível algo ser verdadeiro em um determinado momento e, posteriormente, não ser mais? Era assim que os sofistas trabalhavam no fim das contas, segundo Sócrates: diziam o que o público (ou o contratante) quisesse ouvir (Cf. PLATÃO, 1972, p. 3).

Analisando a acusação e o contexto em que está inserida, percebe-se que além da má impressão por parte da sociedade ateniense⁴ sobre o hábito questionador do filósofo, os acusadores alegavam que Sócrates, por afirmar ser quem era por obra divina – uma vez que ele foi considerado o homem mais sábio dentre todos ali presentes – cultuava outros deuses em detrimento dos deuses venerados em Atenas.

Por isso, as acusações foram muito sérias, visto que, de acordo com essas pseudo-acusações, o futuro dos jovens estava em risco e, conseqüentemente, da pólis inteira afetando, por assim dizer, o quesito cultural dos gregos, que é uma de suas características fundamentais. Porém, na *Apologia de Sócrates*, Platão escreve como foi a discussão e como se deu o seu desfecho. Aliás, discorre acerca do fim lastimável de seu próprio mestre, que bebeu o veneno fatal, a cicuta, e faleceu da forma mais branda possível, preferindo a morte a qualquer outra sentença. Essa atitude se mostra decisiva na compreensão de um Sócrates puro, fiel aos seus próprios ensinamentos e ao seu modo de vida.

⁴ Essa má interpretação pode ser constatada na expressão atribuída por um dos acusadores de Sócrates, a saber, 'Ele corrompe a juventude'.

2.2 *Contra-argumentação de Sócrates*

Diante das acusações a que foi submetido, Sócrates decide fazer sua própria defesa. Afinal, seria contraditório se o pensador fosse defendido na *Ágora* por aqueles que eram alvo de suas críticas, os sofistas. Críticas essas que repudiavam a arte/técnica da retórica desses mestres. Então, como retrata Platão, Sócrates contra-argumentou perante todos os cidadãos presentes e foi totalmente sincero, inclusive disse o porquê de criticar tanto o pensamento sofístico.

E o principal motivo da crítica socrática é o relativismo por meio do qual a Verdade é concebida pelos sofistas. Segundo Sócrates, esses pensadores se diziam ser conhecedores da verdade e, com isso, serem sábios, quando seguramente não o eram. O filósofo argumenta dizendo que basta fazer algumas perguntas para chegar à conclusão de que eles não sabem o que dizem saber. Depois de alegar tais ideias na *Ágora*, Sócrates contra-argumenta às acusações sustentando:

Sócrates – diz a acusação – ‘comete crime corrompendo os jovens e não considerando como deuses os deuses que a cidade considera, porém outras divindades novas’. – Esta é a acusação. Examinemo-la agora, em todos os seus vários pontos. Diz, primeiro, que cometo crime, corrompendo jovens. Ao contrário, eu digo, cidadãos atenienses, Meleto é quem comete crime, porque brinca com as coisas graves. Conduzindo com facilidade os homens ao tribunal, aparentando ter cuidado e interesse por coisas em que de fato nunca pensou. Procurarei mostrar-vos que é bem assim (PLATÃO, 1972, p. 8).

Ele continua e por fim diz que o próprio acusador, Meleto, não sabe de que o está acusando e chega à conclusão de que sequer mostra preocupação com os jovens, e alega ser impossível que ele (Sócrates) corrompesse os jovens. Se corrompesse, seria involuntariamente e, sendo assim, não poderia ser condenado, mas deveria ser advertido e ensinado. Assim afirma o mestre de Platão:

Eu não os corrompo, ou, se os corrompo, é involuntariamente, e em ambos os casos mentiste. E, se os corrompo involuntariamente, não há leis que mandem trazer aqui alguém, por tais fatos involuntários, mas há as que mandam conduzi-lo em particular, instruindo-o, advertindo-o; é claro que se me convencer, cessarei de fazer o que estava fazendo sem querer. Tu, ao contrário, evitaste encontrar-me e instruir-me, não o quiseste; e me conduzes aqui, onde a lei ordena citar aqueles que tem necessidade de pena e não de instrução (PLATÃO, 1972, p. 10).

Além disso, Sócrates continua sua contra-argumentação às acusações de Meleto e discorre sobre a aparente contradição em que seu acusador se encontra. Sócrates se dirige diretamente a Meleto sustentando:

Tu dizes, pois, que eu creio e ensino coisas demoníacas, sejam novas, sejam velhas; portanto, segundo o teu raciocínio, eu creio que há coisas demoníacas e o juraste na tua acusação. Ora, se creio que há coisas demoníacas, certo é absolutamente necessário que eu creia também na existência dos demônios. Não é assim? Assim é: estou certo de que o admites, porque não respondes. E não temo em apreço os demônios como deuses ou filho de deuses? Sim, ou não?

- Sim, é certo.

- Se, pois, creio na existência dos demônios, como dizes, se os demônios são uma espécie de deuses, isso seria propor que não acredito nos deuses, e depois, que, ao contrário, creio nos deuses, porque ao menos creio na existência dos demônios (PLATÃO, 1972, p. 12).

Em resumo, Sócrates expressa a contradição presente na argumentação de Meleto quando diz que não é possível que creia e não creia nos deuses ao mesmo tempo. Então, Meleto, de acordo com ele, realmente não pensou na acusação que estava submetendo Sócrates. Ele ainda diz que não interromperá jamais o seu filosofar, *pois é o que manda o deus*, e que, sendo absolvido ou não, não fará outra coisa, mesmo que morra muitas vezes.

2.3 Último ensinamento de Sócrates

Durante a apologia, Sócrates defende a si mesmo e argumenta contra seus acusadores de forma assídua e consistente. Porém, mesmo com a relevância das palavras de Sócrates, a condenação à morte foi o resultado da discussão. O filósofo, além de refutar as acusações, alega ser a morte a única opção, uma vez que não seria exilado porque, segundo ele, não faria sentido viver em outro lugar, além do que jamais deixaria de filosofar porque seria um absurdo *obedecer aos homens e desobedecer aos deuses*.

Então, Sócrates acabou preferindo a cicuta. Seus discípulos tentaram convencê-lo a fugir quando tivesse a chance, mas Sócrates não aceitava e não entendia o porquê de tanto assombro com a morte (Cf. BERTI, 2010, p. 159). E é justamente nessas circunstâncias em que o seu último ensinamento é transmitido aos discípulos. Sócrates alega que não faz sentido temer a morte pois nenhum indivíduo

tem conhecimento do que ela é de fato. Além disso, ele arrisca dizer que a morte pode ser um bem e que não é adequado alegar que ela é intrinsecamente má, uma vez que não se sabe nada sobre ela. De acordo com o filósofo:

[...] aconteceram-me estas coisas, que vós mesmos estais vendo e que, decerto, alguns julgariam e considerariam o extremo dos males; pois bem, o sinal do deus não se me opôs, nem esta manhã, ao sair de casa, nem quando vim aqui, ao tribunal, nem durante todo o discurso. Em todo este processo, não se opôs uma só vez, nem a um ato, nem a palavra alguma. Qual suponho que seja a causa? Eu vo-la direi: em verdade este meu caso arrisca ser um bem, e estamos longe de julgar retamente, quando pensamos que a morte é um mal. E disso tenho uma grande prova: que, por muito menos, o habitual signo, o meu demônio, se me teria oposto, se não fosse para fazer alguma coisa de bom. Passemos a considerar a questão em si mesma, de como há grande esperança de que isso seja um bem (PLATÃO, 1972, p. 26).

Sócrates continua sua argumentação afirmando que jamais haverá um mal aguardando alguém que defende a verdade com a sensatez e a consciência contrária ao relativismo. Pede que, após sua morte, os cidadãos façam com seus filhos – estes eram três – o que ele fizera com eles, isto é, questionar, reconhecer a própria ignorância e viver na busca constante da verdade válida em todos os contextos (Cf. BERTI, 2010, p. 207). Em suma, Platão conclui que Sócrates, como último pedido, suplica que se continue a pôr em prática os ensinamentos que ele tanto se dedicou durante sua vida.

A morte de Sócrates é um marco para o curso de toda a História da Filosofia Ocidental. Ela diz muito sobre o perigo que o filósofo corre quando escolhe defender a verdade e segui-la. Apesar disso, jamais deve escolher outro caminho que não seja esse, a saber, o caminho do compromisso com a verdade, ainda que isto custe sua própria vida. E, como quem se despede, Sócrates finaliza o seu discurso dizendo que já é hora de cada qual seguir seu próprio caminho (Cf. BERTI, 2010, p. 337): ele para a morte e os seus para a vida (PLATÃO, 1972, p. 28). Entretanto, num ato último de maiêutica, ele constata algo óbvio, quase que como um corolário, a saber, ninguém sabe quem terá melhor sorte, a não ser aquele para o qual não há segredo: deus.

Conclusão

Após a análise feita, é pertinente concluir que os ensinamentos de Sócrates, apesar de terem sido feitos séculos atrás, ainda são válidos. Dessa forma, esse fato acaba por corroborar a ideia do próprio filósofo acerca da existência de verdades universais, sendo sempre o que são, independentemente, do tempo e do contexto histórico em que estão inseridas.

Além disso, o último ensinamento de Sócrates sobre não atribuir temor e medo à morte, uma vez que não se sabe o que ela é de fato, é muito importante para os questionamentos que a existência humana proporciona. E, abrangendo mais um pouco isso, podemos questionar os medos que alegamos possuir, já que muitas vezes não se conhece aquilo de que se tem medo.

Destarte, Sócrates, além de ser uma figura importantíssima, não apenas pelo que representa para a Filosofia, mas também por ter sido uma pessoa fiel aos seus ideais, demonstra compromisso com a filosofia de vida que ele propôs e disseminou na cidade de Atenas. Tais ideias apresentam uma concepção de verdade absoluta e universal que transcende o tempo e garante a ortodoxia do pensamento filosófico que será retomado por Platão e que se tornará constitutivo da formação da cultura ocidental.

Referências

BERTI, Enrico. **No princípio era a maravilha**: As grandes questões da Filosofia Antiga. São Paulo, Loyola: 2010.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

PROTÁGORAS. Fragmentos e Testemunhos. In: SOFISTAS. **Testemunhos e Fragmentos**. Tradução de A.A.A Souza e M.J.V. Pinto. Lisboa: Ed. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

ROMEYER-DHERBEY, Gilbert. **Os sofistas**. Trad. de João Amado. Lisboa: Edições 70, 1986.

UNTERSTEINER, Mario. **I Sofisti**. Milano: Bruno Mondadori, 1996.

Artigo recebido em: 16/04/2021.
Artigo aprovado em: 29/06/2021.